

VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES...DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REALIDADES DE UMA CIDADE MINEIRA ¹

Carolina Quintas Maitan,
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Doiara Silva dos Santos,
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

RESUMO

O objetivo é analisar concepções e percepções de violências sofridas por professores (em geral) e professores de Educação Física (EF) em Viçosa, Minas Gerais. A partir de método qualitativo, por meio de entrevistas, levantou-se 3 categorias de análise: 1) Escola como espaço de reprodução de violências; 2) professores e o cotidiano de violências; 3) violências e desvalorização profissional. Há pontos comuns a todos os docentes, bem como específicos da violência percebida por professores de EF.

PALAVRAS-CHAVE: violência; Educação Física; professor.

INTRODUÇÃO

A violência é um fato social e, como tal, manifesta-se como um fenômeno dinâmico nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Ao longo da história, a violência foi sujeita a mecanismos de organização e regulação social, por meio de regras e processos civilizatórios, a partir de diferentes instituições sociais, tais como a família, a religião, a escola, etc. (ELIAS; DUNNING, 1992).

Diferentes perspectivas sobre o conceito de violência dialogam e se complementam na articulação entre Ciências da Saúde e Ciências Humanas e Sociais. Nesta perspectiva, Schraiber, D' Oliveira e Couto (2006) pontuam a violência como uma questão social e de saúde pública, que se apresenta como uma violação de direitos e ocorre de diversas formas (física, psicológica, sexual, etc.).

A escola como instituição social está sujeita a expressões de violências. O binômio violência escolar tem sido objeto de investigação de pesquisas que demonstram que as expressões da violência se dão de variadas maneiras, inclusive contra os professores

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

(ABRAMOVAY, 2005). Entretanto, pesquisas brasileiras e internacionais sobre esse tema ainda tendem a se concentrar nas agressões sofridas pelos alunos (PINHEIRO, *et al.*, 2020).

Em pesquisa internacional realizada com mais de 100 mil professores em todo o mundo, o Brasil ocupou o primeiro lugar no *ranking* de violências sofridas por professores (BRASIL, 2014). Diante desse cenário, o objetivo desta pesquisa é analisar concepções e percepções de violência sofridas por professores em geral e professores de Educação Física atuantes na rede pública de ensino, na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Portanto, esta investigação pretende, também, identificar eventuais especificidades das percepções de violência sofridas por professores de Educação Física em relação a outras áreas do conhecimento. Interessa-se, peculiarmente, pelas violências contra professores praticadas por alunos.

De fato, poucos trabalhos na Educação Física tematizam a violência sofrida por professores. Levandoski, Ogg e Cardoso (2011) realizaram uma análise quantitativa no Paraná que constatou que 87,3% dos professores de Educação Física sofreram algum episódio de violência na escola. Este trabalho pode contribuir para esta temática baseando-se na perspectiva de professores e professores de Educação Física mineiros, destacando-se as especificidades dos últimos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Viçosa, sob o número de parecer: 3.639.588.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física e de outras áreas do conhecimento, atuantes na educação básica pública de Viçosa, Minas Gerais, Brasil em 2020. Essa escolha pela rede pública justifica-se, pois, no Brasil, trata-se da maneira mais expansiva de acesso à educação como um direito e acolhe atores sociais de diversas realidades sociais. Optou-se por incluir professores de ensino médio, etapa final da educação básica, pois, neste nível de ensino o professor lida com estudantes que refletem atitudes e valores de seus anos de escolarização e diferentes instâncias socializadoras.

Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que consiste em três fases principais: a pré-análise – sistematizar e operacionalizar as ideias, selecionando os elementos principais contidos nas transcrições da entrevista e elaborando os indicadores para interpretação final; a

exploração do material – codificação e decomposição das mensagens; e a elaboração das interpretações e inferências como resultados (BARDIN, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram realizadas cinco entrevistas com professores de educação física (PEFI) e cinco com professores de outras áreas do conhecimento (POA), a saber: Ciências, Artes, Língua Portuguesa e Física. Dessa forma, por meio da pré-análise e exploração do material, foram estabelecidas três categorias: 1) Escola como espaço de reprodução de violências; 2) professores e o cotidiano de violências; 3) violências e desvalorização profissional.

Na categoria 1, observou-se que a violência nas escolas é multifatorial e abrange não somente a violência contra professores, mas, também a violência entre os próprios estudantes e outros atores sociais implicados:

POA 3: ...aluno com aluno principalmente menino contra menina.... E você tem que fazer todo um trabalho mediador de tentar acalmar os ânimos, porque é bem triste isso, é bem complicado. Já vi uma professora tendo problemas com uma aluna e chamar a mãe, e a mãe tentar bater nessa professora na porta da escola... A mãe ameaçou bater, ficou jogando pedra na janela da casa dessa professora.

PEFI 4: Muita violência na escola [...] Hoje de manhã nós chegamos aqui na escola e sabe o que que tinha? Você vai achar assim, horrível: cocô humano! Fezes humanas esfregadas na mesa inteira da cantina, nas maçanetas da porta da cantina, no cadeado, no orifício aonde coloca a chave. Aí foi chamado a polícia, foi feito um boletim de ocorrência...A gente chegou na escola hoje e ver essa cena lamentável...

Deve-se atentar, com base nestes relatos, que a violência é um problema social que se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo na escola, inclusive a comunidade da qual a mesma faz parte (ABRAMOVAY, 2005). Embora a maioria dos professores alegue que tematiza a violência com os alunos em suas aulas ou projetos, a categoria 2 ilustra que a percepção de violência no cotidiano é acentuada. Todos os entrevistados relataram que sofreram violências praticadas por alunos e todos afirmaram não saberem qual ação ou medida tomar ao sofrerem qualquer tipo de violência na escola. Os relatos exemplificam as situações:

POA 5: Além das ameaças, tem um aluno que me perseguiu da escola até na (sic) minha casa. Então assim, eu tive que pedir o (sic) meu irmão para me buscar de carro, pois, eu fiquei com medo, sabe? Isso me trouxe uma série

de problemas psicológicos, entendeu? Falha de memória, eu dormia e acordava assustado...

PEFI 4: Já sofri violência verbal, já sofri tentativa de violência física, porque um aluno arremessou um chinelo em mim...Muita violência verbal de enfrentamento...Ah! Meu pneu da moto também foi esvaziado por um aluno, só pra constar.

Há relatos que revelam peculiaridades sobre a percepção de violências sofridas por PEFIs, como se verifica abaixo:

PEFI 4: É óbvio que o professor de Educação Física não sofre violência, ele não dá aula! ... Ele leva os alunos para a quadra e deixa o aluno jogar bola. Que aluno que vai achar ruim um professor assim? ... Aquele que realmente dá aula, que eu falo que é o meu caso, porque eu me esforço...quando eu me esforço eu sofro violência! Quando eu dou aula, eu sofro violência! Porque o aluno ele não quer aula, ele quer o “rola bola” que ele foi acostumado há tantos anos na escola.

A fala acima demonstra um conhecido problema na Educação Física como componente curricular, que muitas vezes é conduzido sem intencionalidade pedagógica clara por variados fatores (como a formação, a compreensão limitada da área do conhecimento, etc.). Isso relembra debates sobre a necessidade de superar a banalização da prática pedagógica em Educação Física, mas, que é ao mesmo tempo tensionada pela precarização do trabalho docente e resistências da cultura escolar (FARIA; BRACHT; MACHADO, 2010).

Ainda nesta categoria, os PEFIs entrevistados destacaram peculiaridades da área referente à gestão do espaço físico e de materiais de aulas que, segundo eles, ocasionam dificuldades a mais para perceber e lidar com as violências de forma geral, como diz PEFI3: “Então, na quadra, como é um ambiente amplo e não fica tão aos olhos do professor... então, às vezes, ele não consegue observar a violência, né? ”.

A categoria analítica 3 ressalta a desmotivação e desvalorização que são relatadas pelos professores ao reconhecerem as implicações e consequências do cotidiano de violências:

POA 5: Medo de dar aula eu sempre tive [...] a todo momento eu tenho...Então, isso atrapalha a condução da aula, isso leva ao estresse, ao extremo estresse do professor [...] e não somente eu, eu vejo dentro da profissão que os colegas entram na sala sempre com um pouco de insegurança, a gente não sabe a reação do aluno.

PEFI 3: Medo, mas, um medo assim... porque o aluno sob o uso de drogas, né?! Ele, às vezes, se torna violento. Às vezes nem é consciente, né? ...Já teve um caso de um aluno que já entrou armado e queria matar a diretora. A

gente estava lá dentro da escola, ele chegou armado e falou: “- Cadê a diretora? Eu vou matar ela!” Ela teve que se esconder.

Nesta categoria, outra especificidade pontuada por PEFIs foi a avaliação. A falta de atribuição de notas somativas foi mencionada como fator que agrava o problema da violência contra professores de Educação Física, pois, descredibiliza o papel da área na formação dos alunos, que desvalorizam o componente curricular e o professor². Aqui, faz-se a ressalva de não tratar a avaliação como estratégia de punição ou coibição da violência, mas sim tomar por base teorias educacionais apropriadas pela Educação Física que compreendem a avaliação de forma ampla, para refletir todo o processo de ensino-aprendizagem (DARIDO; JUNIOR, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que a violência contra professores é marcada no cotidiano dos entrevistados e se apresenta para professores (em geral) e professores de Educação Física em pontos comuns e outros peculiares. São pontos comuns: as violências afetam professores em seu cotidiano; o desconhecimento de mecanismos legais ou de apoio ao professor caso ele sofra violências na escola; o sentimento de desvalorização no ciclo de violências sofridas. Peculiarmente, PEFIs relataram a falta de intencionalidade pedagógica como fator que parece atenuar a violência e, também, a resistência da cultura escolar a aulas sistematizadas do componente, o que causa, também, violências; o gerenciamento de espaço físico e materiais das aulas de Educação Física como fatores que se relacionam com a violência percebida; a falta de avaliação como algo que descredibiliza a Educação Física tornando os professores da área mais vulneráveis ainda à violência.

Ressalta-se a necessidade de um maior investimento em pesquisas qualitativas sobre a violência contra professores e PEFIs, para que seja possível instruir e fomentar ações e políticas governamentais e institucionais para o rompimento dessa cultura de violências.

² A disciplina Educação Física não atribui nota somativa nas escolas públicas em que atuam os professores entrevistados.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

VIOLENCE AGAINST TEACHERS...PHYSICAL EDUCATION'S: REALITIES IN A CITY FROM MINAS GERAIS

ABSTRACT

The objective is to analyze conceptions and perceptions of violences suffered by teachers (in general) and physical Education (PE) teachers in Viçosa, Minas Gerais. Through qualitative method and interviews, three analytical categories emerged: 1) school as a space of violences reproduction; 2) teachers and daily violences; 3) violences and professional devaluation. There are common point to all teaches, as those specifically related to PE teachers.

KEYWORDS: *violence; Physical Education; teacher.*

VIOLENCIA CONTRA MAESTROS... DE EDUCACIÓN FÍSICA: REALIDADES EN UNA CIUDAD DE MINAS GERAIS

RESUMEN

El objetivo es analizar las concepciones y percepciones de la violencia que sufren los docentes (en general) y los docentes de Educación Física (EF) en Viçosa, Minas Gerais. Por un método cualitativo con entrevistas, se plantearon 3 categorías: 1) La escuela como espacio de reproducción de la violencia; 2) maestros y violencia cotidiana; 3) violencia y desvalorización profesional. Hay puntos comunes a todos los profesores, así como específicos de la violencia percibida por profesores de EF.

PALABRAS CLAVES: *violencia; educación física; maestro.*

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências.** Brasília: UNESCO, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/talis>. Acesso em: 18 Jun. 2019.

DARIDO, S.C.; JUNIOR, O.M.S. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola.** 6.ed. Campinas: Editora Papirus, 2010.

ELIAS, N. DUNNING, E. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 1992.





CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

FARIA, B.; BRACHT, V.; MACHADO, T. S. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem-sucedidas? **Àgora para La Educación Física y el Deporte**, Valladolid, v. 1, p. 11- 28, fevereiro 2010.

LEVANDOSKI, G.; OGG, F.; CARDOSO, F. Violência contra professores de Educação física no ensino público do estado do Paraná. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.3, p. 374-383, jul./set 2011.

PINHEIRO, F.P.H.A *et al.* Características da Violência Contra Professores de Escolas Públicas. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v.20, pp-1-12, 2020.

SCHRAIBER, L. B.; D`OLIVEIRA, A. F.; COUTO, M. T. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, p. 112-20, 2006.

